

# Repensando a demografia histórica\*

Maria Sílvia C. Beozzo Bassanezi\*\*

## Apresentação

A demografia histórica, não obstante o grande êxito obtido a partir da década de 50, quando adquiriu identidade própria com os trabalhos de Louis Henry, encontra-se hoje em um momento em que é preciso ser repensada, para que possa enfrentar o novo milênio com a mesma vitalidade e dinamismo que a tem caracterizado até então.

Com esta preocupação, o GT População e História da ABEP organizou a mesa-redonda Demografia Histórica e Grupos Sociais durante o X Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu (MG) entre os dias 7 e 11 de outubro de 1996. Esta mesa-redonda reuniu estudiosos com diferentes concepções e experiências para refletirem sobre a trajetória da demografia histórica, sua importância e contribuição aos estudos da população e à historiografia em geral, nas esferas nacional e internacional, e ao mesmo tempo discutirem caminhos a serem seguidos e as mudanças a serem empreendidas para o êxito futuro desta área do conhecimento.

A divulgação, através desta publicação, dos textos produzidos para este evento (ou resultados deste) mostra-se oportuna e relevante. Oportuna, porque ocorre em um momento em que esta área do conhecimento pede renovação e em que os estudiosos estão abertos e atentos a ela. Relevante, porque ao socializar depoimentos, informações, propostas e idéias, amplia o debate, introduzindo novos interlocutores nessa roda de

discussão e, em conseqüência, agregando novos ingredientes e novas questões, o que é fundamental para se alcançar os objetivos propostos. Três dos textos aqui reunidos foram apresentados e discutidos naquela reunião. A eles somou-se um quarto texto produzido com a mesma preocupação, ou seja, de repensar a demografia histórica com vistas ao Século XXI.

No primeiro destes textos, David Reher constrói uma cuidadosa e bem-elaborada retrospectiva histórica da experiência internacional. Detendo-se mais demoradamente na experiência européia e referindo-se, também, à Ásia e América, este autor apresenta a sua visão pessoal e crítica dos caminhos percorridos pela demografia histórica. Localiza as suas origens, seus avanços, lacunas e limitações, "sempre com a vista centrada nos grandes desafios que balizam o presente e o futuro no final de um século marcado por grandes transformações em todos os aspectos da vida do homem".

Reher centra sua análise em quatro grandes campos ou linhas onde se agrupa a maior parte das investigações realizadas até o momento: a) reconstituição de famílias; b) séries temporais e reconstituição da população; c) exploração dos censos e de outras estatísticas demográficas; e d) história da família.

*Estas não são necessariamente temas substantivos de investigação — embora em determinados casos possam coincidir com um ou outro*

\* Nota da Coordenadora do Grupo de Trabalho da Demografia Histórica da ABEP

\*\* Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População - NEPO - da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp - e coordenadora do GT População e História da ABEP.

*tema —,mas grandes campos de investigação. Algumas vezes são determinadas pela fonte; outras vezes, pela forma de explorar a fonte. Porém, têm uma unidade, de modo que uma pessoa trabalhando em algumas delas pode ter por referência trabalhos similares, mesmo que realizados em contextos culturais e históricos totalmente diferentes. São como famílias de investigação, que terminam estruturando boa parte da atividade que se realiza neste campo.*

O texto relaciona e discute as perspectivas e/ou desafios para o futuro, entre elas, a busca de novas fontes e novas maneiras de explorá-las, a sofisticação técnica, a formulação de questões em função do interesse e da preocupação da sociedade atual, bem como a realização de estudos que privilegiem o Século XX.

*O principal desafio a ser enfrentado pela disciplina consiste em identificar estas novas perguntas, em renovar um discurso já muito conhecido. Parece-me que mais que uma questão de quantidade — de famílias, de povoados, de métodos —, o maior desafio está em aumentar a qualidade do nosso discurso, das questões que colocamos ao passado e da forma como exploramos nossos dados para dar respostas a estas questões.*

O texto seguinte traz um depoimento pessoal e relevante de Maria Luíza Marcílio sobre a trajetória da demografia histórica no Brasil, que, como ela própria enfatiza, em grande parte se confunde com sua própria história de vida científica. Nele, esta autora apresenta um balanço da produção e das linhas dominantes de pesquisa no País neste campo, arrolando as investigações realizadas, as fontes trabalhadas, os períodos de tempo e os espaços privilegiados, assim como os centros e pesquisadores envolvidos nestas investigações, preocupando-se, sobretudo, em

demonstrar a importância da demografia histórica para a historiografia brasileira.

*Duas das mais marcantes inovações da demografia histórica em nosso País foram, seguramente, em primeiro lugar, a introdução do uso sistemático de corpos documentais novos, quantitativos e qualitativos, homogêneos, seriais e momentâneos, e, em segundo lugar, a aplicação, em estudos históricos, de conceitos, métodos e técnicas rigorosos emprestados da Demografia, mas também, em alguns casos, da Antropologia, da Sociologia, da Medicina, do Direito Civil e Eclesiástico, e da Economia.*

*[...] os estudos de demografia histórica desencadearam verdadeira revolução na historiografia brasileira, com suas descobertas de realidades humanas antes insuspeitadas, com os novos questionamentos que suas revelações suscitaram, abrindo campo para novas temáticas, novas pesquisas e novas interpretações.*

Paralelamente, Marcílio identifica três linhas temáticas de pesquisa que, com diferentes graus de intensidade, predominaram nos estudos sobre a população do passado brasileiro: a) nupcialidade, família, concubinato e infância; b) estruturas e dinâmicas populacionais — de livres e de escravos; e c) mortalidade e morbidade. Analisa os ganhos advindos destes estudos para a demografia histórica e a historiografia brasileiras e indica, ainda, temas, áreas geográficas e/ou períodos no tempo em que é preciso investimento em pesquisa. A autora assinala também a necessidade de canalizar esforços na realização de cursos e/ou treinamentos em técnicas demográficas para os estudiosos da população do passado, uma vez que, até o momento, a demografia histórica vem sendo “desenvolvida particularmente por historiadores [...], alguns dos quais sem nenhuma formação em Demografia”.

O texto de Sergio Odilon Nadafin traz uma série de reflexões pertinentes e ins-

tigantes, que revelam não só um diálogo com os trabalhos de Reher e Marcílio, dos quais foi debatido na mesa-redonda, mas também sua experiência e suas preocupações com a área.

Nadalim toma como ponto de partida para suas reflexões a *reconstituição de famílias*, aspecto abordado tanto por Reher quanto por Marcílio, perguntando por que se produziu tão pouco com base nessa metodologia. Buscando respostas, enumera e analisa as dificuldades e virtualidades do método e, em consequência, traz outras questões à discussão:

*[...] até que ponto estamos fazendo 'demografia histórica', uma disciplina 'nomotética' na sua definição estrita? Ou seria melhor para nós, historiadores, pensarmos em termos de 'histórias demográficas' e, desta forma, imaginarmos cada fenômeno sociodemográfico na sua especificidade e originalidade? Nesta perspectiva, a reconstituição de família seria antes de mais nada um instrumento — extremamente valioso — para se fazer a história social.*

Referindo-se particularmente ao caso brasileiro, Nadalim coloca uma questão importante que tem sido objeto de calorosa discussão entre os historiadores demógrafos: os limites da demografia histórica.

*[...] como estabelecer as fronteiras, quando a demografia histórica 'lato sensu' confunde-se com a própria área dos estudos populacionais? [...] O demográfico constitui, muitas vezes, via de acesso a problemas sem conotação populacional. Isto contribui para explicar, no nosso caso, a lacuna 1850-1940, uma vez que nem todos estamos deixando de lado a retórica, interessados na história da população brasileira, e sim na sua 'história social'. Da mesma forma, quantos de nós nos referimos à problemática da transição de-*

*mográfica brasileira? [...] este tema se inscreve na história.*

Por último, o autor chama a atenção para o fato de os expositores não terem abordado de forma problemática os "grupos sociais", como está sugerido no título da mesa-redonda:

*Pensamos em um tema suficientemente amplo para que nele coubesse a diversidade. [...] Mas não pensamos, naquele momento, na dificuldade de um tema que [...] é muito difícil de dar conta numa mesa-redonda como esta. [...] Um quadro teórico desenvolvido a partir de uma sociologia dos grupos sociais no passado brasileiro talvez fosse adequado a uma articulação com os sistemas demográficos brasileiros propostos por Maria Luíza Marcílio, que, de uma certa forma, opõem geografias e economias diferenciadas para o Século XIX [...]*

O quarto texto, de José Flávio Motta e Iraci del Nero da Costa, produzido em reação às exposições realizadas e aos debates suscitados durante a mesa-redonda, apresenta-se com o objetivo de "contribuir para a reflexão acerca dos possíveis rumos a serem seguidos pela demografia histórica brasileira na virada do milênio que se aproxima". Este texto coloca novos ingredientes ao debate na medida em que propõe um "caminho que se vincula estreitamente a um dado entendimento da própria definição que, acreditamos, deva ser emprestada à demografia histórica entre nós". Uma definição abrangente, elaborada por Costa (ver texto), que não é unanimemente compartilhada e que, por isso, torna o debate mais efervescente.

Polemizando com Nadalim, estes autores vêem a amplitude que tomou conta da demografia histórica no Brasil — registrada de diferentes perspectivas nos textos de Marcílio e do próprio Nadalim — como uma característica que, "longe de ser negativa, evidencia a propriedade da adoção de uma igualmente abrangente definição de demografia histórica [...]", a qual, segundo eles,

*[...] constitui a melhor forma de encarar a demografia histórica, mantê-la íntegra, coesa, forte, dando guarita, em seu bojo, às centenas de trabalhos que têm sido produzidos e que têm, inequivocamente, propiciado aos estudiosos da sociedade pretérita brasileira a possibilidade de reescrever a história de nosso País [...]*

Motta e Costa também enfatizam que, subjacente à definição de demografia histórica que adotam, encontra-se um entendimento da ciência demográfica que implica necessariamente o enfoque interdisciplinar:

*Esta abertura para a interdisciplinaridade é, de fato, crucial. É tal entendimento que imprime à definição de demografia histórica que adotamos boa parte do caráter polêmico que ela carrega. Trata-se, na verdade, de, por princípio, evitar a distinção entre demografia histórica e história demográfica, distinção esta que reproduz, no campo da demografia histórica retrospectiva, a diferenciação entre, de um lado, a análise demográfica e, de outro, os estudos de população.*

Por fim, estes autores afirmam ser relevante a retomada do estudo dos regimes demográficos que vigoraram no passado brasileiro, uma vez que o desenvolvimento recente da pesquisa pode fornecer uma base empírica mais rica e uma visão teórica mais abrangente do que serviu de base aos

estudos realizados por Marcílio na primeira metade dos anos 80.

*Pensamos aqui, especificamente, no esforço de elaboração a ser desenvolvido no sentido de integrarmos num corpo orgânico teoricamente estruturado os avanços empíricos já alcançados no que diz respeito à formação de nossas populações. Identificar os aludidos regimes, as especificidades próprias de cada grande segmento populacional (livres, escravos e forros), as peculiaridades regionais e os condicionantes devido às várias 'economias' que se definiram no correr de nossa história é tarefa urgente na busca de generalizações que possam transcender o largo apelo ao empírico que, necessariamente, distinguiu grande parte do desenvolvimento da demografia histórica entre nós.*

Ao concluir esta apresentação, resta enfatizar que os textos aqui divulgados — independentemente das perspectivas adotadas pelos seus autores, inclusive as discordâncias — reforçam a necessidade de se preencher as lacunas observadas e, sobretudo, a necessidade de se realizar algumas mudanças substantivas que assegurem a continuidade do êxito da demografia histórica. É preciso renovar os enfoques tradicionais, introduzir novos temas, revisar as metodologias utilizadas, (re)definir seus limites e também atrair novos quadros e interlocutores.